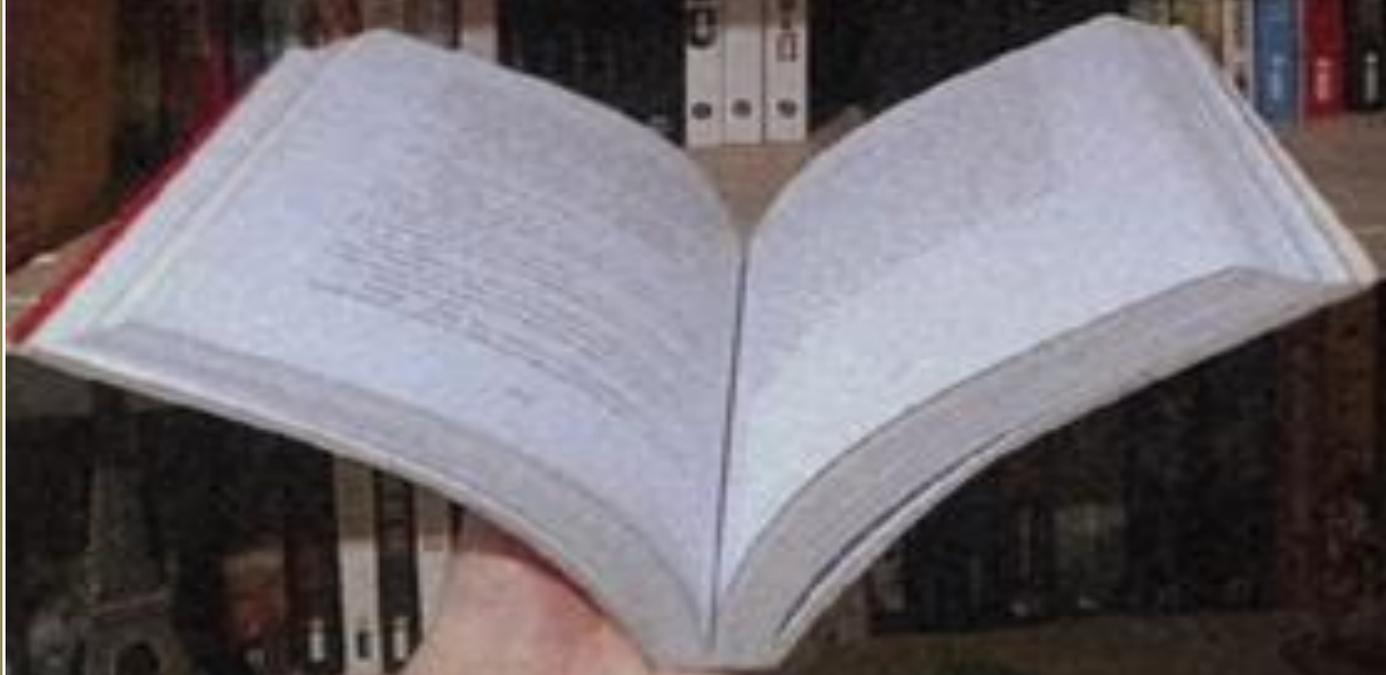


com amor, Namu



Editora

O tempo
das cores

Por: Ana Laura Maia

SUMÁRIO

Capítulo 1	3
Capítulo 2	12
Capítulo 3	20
Capítulo 4	25
Capítulo 5	32
Capítulo 6	37

1

SOF

Há duas semanas nossas vidas eram normais, na medida do possível. Tão normal quanto uma vida pode ser. Meu irmão era feliz e saudável. Eu o amava. Ele me amava. Nós tínhamos uma boa relação com nossos pais. Uma escola onde tínhamos amigos. Família. Tios. Avós. Tínhamos um ao outro.

Se não fosse por essas duas semanas eu diria que tínhamos uma vida perfeita, com defeitos e diferente das outras, mas perfeita.

Eu realmente não sei se essa carta, esse texto, este conto, esta história, esse livro ou esse desabafo, vai cair nas mãos de alguém, e se cair, eu não vou me importar. Essa história é sobre mim, mas dentro dela existem pessoas que devem e precisam ser conhecidas. Pessoas boas e gentis, com seus problemas, mas mesmo assim pensando nos outros. Vendo essas pessoas ao meu redor eu consigo imaginar um futuro para a humanidade.

Sei que parece estúpido eu reclamar da minha vida, mesmo que tenha sido eu que não tenha levado-a a lugar algum. Eu só fico pensando porque o destino tirou tudo que mais importava para mim. *O* tirou de mim.

Também sei que existem pessoas que têm a vida mais sofrida do que a minha, que passam por piores dificuldades. Mas essa dor faz parte de mim agora. E eu não tenho o que fazer. Eu só espero que as pessoas que ainda queiram ficar perto de mim, aceitem e saibam disso mesmo sem eu realmente falar isso com palavras, isso é possível, certo? Ou vou precisar expressar oralmente tudo o que sinto? Não posso fazer isso. Algumas coisas são complicadas demais para expressar.

Mas “tudo ainda estava fresco demais para ser explicado” (traços de Eduardo Cilto).

Naquele dia, por algum motivo, eu acordei disposta. Era uma sábado ensolarado e antes de sair de casa eu deveria ter pensado no que falar se encontrasse alguém conhecido na rua. Mas não pensei. Avisei meus pais que iria sair, e eles perguntaram “Com quem?” ao que eu respondi “Sozinha.” e eles “Tem certeza que você não quer ir

com algum amigo, Sky, por exemplo?” e eu disse “Não, eu estou bem”. Eram meus pais realizando a função de pais. E eu era grata por isso.

Saí pela porta da frente e fui caminhando em direção ao parque. Meus dias estavam bem calmos ultimamente, já que eu não estava indo à escola e ficava praticamente o dia inteiro dentro do quarto, então, duas semanas depois do acidente, eu decidi recomeçar. Quero dizer, não recomeçar no sentido de ir morar em outra cidade, mudar de escola ou algo assim. No sentido de “vamos fazer algo da minha vida porque da maneira que está agora, não tem como continuar”.

Imagino que muitas pessoas da minha idade sairiam com fone de ouvido ou algo assim. Mas eu não. Sou o tipo de pessoa que gosta de ouvir a vida alheia. Os ruídos das conversas, o som dos sapatos ecoando pelas paredes dos grandes prédios que rodeiam a cidade grande. É engraçado como todos aqueles sons se fundem, ou algo do tipo. O barulho da cidade, ensurdecedor, contudo agradável quando você precisa sair um pouco da sua cabeça.

Fui direto para o parque, onde costumava ir com meu irmão, e com alguns amigos. É um lugar bonito, bem arrumadinho, algumas flores acompanhando o perímetro da grade de ferro. Tudo gramado, com algumas mesas de piquenique, aproveitando as sombras das árvores. Ali era um lugar onde as pessoas poderiam ficar, sem se preocupar muito, passar o dia com seus filhos, netos ou amigos.

É muito estranho ficar aqui sem eles. Namu, Sky, Amb e eu íamos ao parque toda semana, quando estávamos empanturrados de trabalhos do colégio nós íamos para lá. Quando queríamos brincar, nós íamos para lá. Quando queríamos ficar sozinhos, nós fugíamos para lá. Era um compromisso, obrigatório, mas descompromissado. Se isso fizer algum sentido...

Fazia tempo que eu não saía de casa, de verdade. Mas, mesmo assim tem sido exaustante. Não consigo passar um segundo sem pensar que ele foi embora por minha causa. E isto está me destruindo.

Fiquei lá por um bom tempo. Sentido o vento batendo no meu rosto. O parque é um dos raros momentos em que eu consigo ter controle da minha mente e da minha vida. Tentei controlar meu corpo para parar de tremer e deixei minha respiração ritmada.

Mas algo estava errado. Não sei explicar muito bem... Sabe aquela incômoda sensação de que tem alguém te observando? Então, era mais ou menos isso o que estava sentindo naquele momento. Talvez só estivesse ficando doida de vez.

Decidi ir embora.

O parque me traz tantas lembranças... Eram simplesmente incríveis as discussões que Amb, Namu, Sky e eu tínhamos sobre livros. Eu e Namu sempre amamos ler. Apesar de amar nossa vida, sermos felizes e tudo mais, nós gostávamos de sair um pouco da nossa realidade caótica e nos refugiar naquelas páginas cheias de aventuras, romances, tragédias, reviravoltas! Mas Sky e Amb não entendiam isso. Então era muito comum nós estarmos discutindo sobre isso.

Os livros eram, e são, algo que me conecta ao meu irmão. Nós tínhamos nossas piadas internas, nós soltávamos frases dos livros durante as conversas, mas ninguém nunca entendia! Então nós só começávamos a rir e a tirar sarro das outras pessoas.

Estava me levantando quando esbarraram em mim.

- Desculpa! Eu não queria te incomodar... - Eu me assustei! E caí sentada no banco. Aquele garoto chegou do nada!
- Sky! Hm-mm. Oi! - Falei sem saber o que falar.
- Desculpa, eu não queria te incomodar. Eu só estava andando por aqui... Eu te vi, pensei em falar um 'oi', mas isso foi uma péssima ideia. Então... Eu já vou indo... Tchau, Sof. - Falou já se virando.
- Espera! - Eu me levantei. - Você está ocupado? Quer me acompanhar até em casa? - Olhei pra baixo e mordi o lábio. *O que eu estava fazendo?!*
- Você tem certeza de quer minha companhia? - Ele disse meio sem graça. Apenas assenti.
- Começamos a andar pelo parque, em direção a saída. Nós dois estávamos meio tensos. Andávamos com o corpo duro. Olhando para frente ou encarando nossos sapatos. Não nos falávamos a algum tempo, e estava tudo diferente.
- Sof! O quê está acontecendo com a gente?! - Ele parou de repente, indignado, e eu parei alguns passos a frente. - Balancei a cabeça negativamente.
- Eu não sei. - Sussurrei já sentindo meus olhos se encherem d'água, mas eu não podia chorar. Não ali.
- Olha... - Falou ele andando para frente para ficar ao meu lado e poder olhar para mim, eu o encarei de volta. - Tudo ficou diferente depois... - Ele parou de falar.
- Fala. - Sussurrei, não conseguindo mas olhar para ele.
- Tudo ficou diferente... depois daquilo. Nós ficamos diferentes! - Ele procurou meu olhar desesperado.

- Sky, isso faz parte de mim agora. Essa dor. Essa coisa de se fechar? Faz parte. E se você, sei lá, não está apto a ficar perto de mim, então... Vai embora. - Falei aquilo calmamente porém meu coração estava despedaçado.

Sky sempre deu tudo de si por mim e agora eu estava simplesmente sendo uma idiota egoísta e virando as costas para ele. Ele me olhou chocado. Tentou falar algo, mas as palavras simplesmente não saíam. Ele passou a mão pelo cabelo e virou-se para o lado oposto da saída. E saiu caminhando.

Eu tinha, literalmente, afastado a única pessoa que faria de tudo para me ver bem. Saí correndo. Precisava sair dali naquele momento. Tudo começou a me sufocar de novo. Comecei a chorar. E esbarrar em todo mundo nas ruas. “Perdão!” eu tentava falar, mas tudo que saía da minha boca eram soluços desesperados. Estava desesperada por carinho, desesperada, querendo meu irmão de volta.

Cheguei em casa, ainda correndo. Meu cabelo estava pregando no meu rosto encharcado de lágrimas. “Enquanto luta com as ondas invisíveis e redemoinhos invisíveis e demônios que parecem reais de mais, e criados por mim mesmo, eu de fato sinto algo em meu peito se abrir, um sentimento intenso que é como se meu coração estivesse prestes a explodir” (para onde ela foi, Gayle Forman), era assim que eu me sentia, então eu apenas chorei, tentando lavar as coisas ruins dentro de mim. Era impressionante, o dia em que você decide encarar sua vida novamente, o seu mundo, que nem estava concreto, desmorona de novo.

Estava com a cara enfiada no travesseiro quando minha mãe entrou no quarto.

- Filha... - Falou ela sussurrando meio sem jeito. Depois que meu irmão morreu eu me distanciei de todos, inclusive meus pais. *Principalmente* meus pais. - O que aconteceu?
- Mãe... Eu... Eu arruinei tudo. De novo.
- Sobre o que você está falando? - Me forcei a levantar a cabeça e olhar no fundo de seus olhos escuros.
- Eu briguei com o Sky. E... Agora ele me odeia.
- Filha, o Sky te ama. - Não consegui identificar em que sentido ela quis dizer. Ela sentou ao meu lado - Ele faria tudo para você ficar bem. Tenho certeza que qualquer que seja o assunto que vocês tenham discutido, vai passar. Essa briga será algo insignificante. É coisa da sua cabeça. - Ela falou essa última frase sorrindo.
- Eu não acredito que você fez essa piada.

- Eu precisei. - Falou ela sorrindo e nós rimos juntas. Apesar disso ser um assunto sério, minha família costuma fazer piadas com isso. Eu não me incomodo, quero dizer, se não rimos do que não tem graça o quê iremos fazer da nossa vida? Não podemos simplesmente viver sem rir e sorrir.

Este final de semana foi certamente mais produtivo de que o da semana passada, apesar de eu não ter saído de casa ou feito alguma tarefa escolar. Mas assisti a alguns filmes com meus pais, os ajudei a limpar o quintal. E para quem não estava nem saindo do quarto isso já é um grande passo.

Na segunda de manhã acordei bem cedo, pois não queria correr o risco de me atrasar. Apesar de não ter dormido quase nada, estava determinada a consertar o que eu destruí.

Como sempre, liguei o chuveiro e deixei a água o mais quente possível. Coloquei uma roupa, passei aquela blusinha surrada branca e azul por cima do pescoço e uma calça *jeans* simples. Me olhei no espelho e naquele instante eu me senti uma adolescente normal. Sorri para mim mesma. Percebi que eu menti completamente quando falei aquelas coisas pra Sky. Essa dor, não faz parte de mim. Isso não me engoliu e não vai!

Saí do quarto quase chorando, de uma maneira boa. Estava pronta para recomeçar.

Toc. Toc. Toc.

- Filha?! Você está bem? Está passando mal? - Meu pai estava realmente preocupado. Abri a porta do banheiro e sorri para ele.
- Eu estou bem. Eu estou ótima! Pai, hoje é um novo dia e eu estou me arrumando para voltar ao colégio. - Ele passou a mão cuidadosamente pelo meu cabelo e vi uma lágrima escorrendo por sua bochecha. Ele me abraçou.
- Estou tão orgulhoso de você.

Tudo o que aconteceu depois disso foi um completo borrão. Estava tão ansiosa para chegar na escola, que nem consegui me concentrar em nada até que cheguei no colégio. Tudo estava exatamente igual. Que mania a minha de achar que a vida das pessoas mudou só porque a minha vida mudou. *Você não é tão importante assim.* Falei para mim mesma e pela primeira vez, isso não me incomodou. As pessoas que eu amo me achavam importante e isso já bastava.

- Ah! Você está aqui! Você voltou! - Ela literalmente pulou em cima de mim.
- Gaia, você não precisa ficar assim! Eu faltei, tipo, umas duas semanas.

- Certo, mas você sabe o quão caótica nossa escola ficou, nessas duas semanas?! Vamos. Preciso de contar tudo. - Só a acompanhei.

Gaia era outra que era minha amiga há muito tempo. Uma das pessoas mais bonitas que eu já conheci. Não só por fora, mas por dentro. Ela tinha uma personalidade tão confiante e segura de si. A menina baixinha de pele bronzeada tinha um gosto incrível por música. Apesar de conhecer todo mundo, ela nunca foi “popular”, ela sempre foi o tipo de pessoa aberta a novas amizades e aquela garota que conversa com todo mundo.

Gaia me contava animadamente tudo que aconteceu na escola, enquanto não estive lá. Falou sobre alguns casais que se formaram ou que perderam contato. Para falar bem a verdade, não estava nem prestando atenção. Em meio às pessoas circulando nos corredores eu procurava o menino alto de cabelo preto, eu meio que tinha algo a esclarecer com ele.

Mas não o achei.

Fomos andando pelos corredores quando finalmente chegamos a sala dos professores, que era coincidentemente ao lado da nossa sala definitiva, naquele ponto eu realmente não fazia ideia do que Gaia estava falando, mas ela não percebeu e eu não estava suficientemente interessada para perguntar. Chegamos lá e Sky já estava na sala, sentado no lugar de sempre, se ele tinha me notado ele realmente não demonstrou, dei um passo para falar com ele, mas bloquearam para falar comigo.

- Oi, Sof!
- Hm... Oi, Pedro. - Percebi que Sky tinha nos visto. Ele tentou se esconder atrás de um livro. *É sério isso? Pensei. Ele realmente vai fingir que não me viu?! E depois o quê? Vai ficar me evitando a manhã inteira?*
- Que bom que você voltou! Sentimos sua falta!
- Quem exatamente “sentiram”?
- Toda a turma. - Falou ele mais depressa do que deveria. Depois deu um sorriso amarelado. - Então, mas por que você faltou?
- Tudo bem... - Falei levantando uma sobrancelha, me questionando se deveria falar sobre Namu. - Eu tive que ir a casa dos meus avós. Uma emergência. Familiar... - Ele só assentiu. Depois eu completei. - Então, eu vou me sentar. Tchau.

Quando me virei, Gaia já estava sentada. “Por que ele está falando com você?!” Falou apenas com os lábios. “Eu não sei”, respondi. Apesar de nunca ter realmente

conversado com ele, Pedro estava bem confiante em conversar comigo, ele sentou-se atrás de mim e tentou conversar comigo a aula inteira.

Continuei observando Sky. De vez em quando ele olhava para minha direção, mas rapidamente voltava a olhar para o professor. *Eu mesma terei que ir atrás dele para me desculpar*, pensei, *sem problema*. Depois de aproximadamente meio período ignorando Pedro, que tentava descontroladamente conversar comigo, e criando um plano mental para abordar Sky no horário do recreio, o último professor do período nos liberou, sem antes anunciar em alto e bom som para todos na sala:

- Bem-vinda de volta, senhorita Sofia. - Senti o olhar de todos na sala sobre mim, me encolhi na cadeira. - É um prazer vê-la novamente.
- Igualmente, professor. - Sussurrei, ainda assustada com os olhares.
- Estão todos liberados! - Acrescentou ele. A vontade de sair da sala para comer ou parar de estudar era bem maior do que a curiosidade de todos aqueles adolescentes. *Ufa*.

Saí da sala ao lado de Gaia, ainda tentando evitar as pessoas o máximo possível.

- Ei! - Ouvi alguém gritando e me virei em direção ao som. - Você mesma, Sofia. - Meu nome simplesmente não saiu de uma maneira bonita de seus lábios. - Porque você passou a manhã inteira com o Pedro, você está afim dele? - Quase ri na cara dela. E eu achando que esse tipo de coisa só acontecia em filme...
- Não.

Pedro chegou um segundo depois e segurou Ana pelos ombros:

- O que você está falando? Não é nada disso. Só estava dando boas-vindas a Sof. E sentamos perto um do outro na aula.
- Sof? Desde quando você chama... - Ela me olhou de cima abaixo. - Isso, assim?
- Ei! - Falei mais alto do que deveria, mas não perdi a postura.
- Olha só, a menininha com ansiedade, que nem conseguia se comunicar com ninguém, aprendeu a falar? - Pedro riu. E eu olhei descrente.
- Olha, sua novela está super interessante, esse seu romance está super interessante, mas eu tenho coisas melhores para fazer do que ficar te ouvindo.

Passei por entre ela e Pedro, batendo no ombro de Ana de propósito. Sinceramente, meu primeiro dia na escola, a menina que eu nem conhecia já me atacava por um assunto sem sentido. Mas não importa, eu realmente tinha coisas melhores para resolver, eu tinha que lutar por alguém mais importante!

Não tinha visto Sky desde que saímos da sala, o que não fazia muito tempo também, o que quis dizer é que não tinha o visto na confusão.

Naquele momento, enquanto me encaminhava para a área principal do colégio para falar com Sky, pensei em Amb. Toda a situação da morte do meu irmão me fez uma pessoa completamente diferente, eu estava egoísta, nem uma sequer vez pensei em telefonar para ela, perguntando como ela estaria lidando com tudo.

Amb é uma garota tão gentil e divertida. Ela era a melhor amiga do meu irmão, e eu fui tão egoísta que nem pensei que ela poderia estar sofrendo mais que eu.

- Sky! - Gritei. Ele estava indo em direção a cantina. Ele se virou, de mau humor.
- Eu sei que você não quer falar comigo, mas - dei meu melhor sorriso carismático. - Por favor, me escuta.
- Pode falar. - Ele revirou os olhos. Peguei sua mão e o arrastei para dentro de uma sala. Todos estavam aproveitando seu recreio então não tinha ninguém com a gente.
- Olha. - Falei suspirando. - Desculpa, eu... Me perdoa, eu não devia ter falado daquele jeito, eu literalmente te afastei de mim, quando você era uma das únicas pessoas que queria me ajudar. - Ele apenas assentiu mordendo o lábio e olhando para baixo. - Eu sou muito idiota.
- É verdade. - Falou ele com aquele sorriso bobo estampado no rosto.
- Ei! Não era pra você concordar com essa parte! - Nós dois rimos. - Eu sinto muito, de verdade.
- Tudo bem. Eu só não quero que você ache que tudo está acontecendo, tudo o que você está sentindo é permanente. Você nunca vai esquecer o Namu, nós não iremos, e ele nunca será substituído, mas não vai doer da maneira que está agora para sempre. Tudo bem? - Assenti.
- Obrigada... por tudo. - Ele sorriu.
- Mas diz aí. Você não quer ficar com seu namoradinho não? O Pedro estava super dando em cima de você... - O empurrei. - Aí!
- Você mereceu. Ele é um idiota. - Revirei os olhos. - É sério que você acha que eu não percebi os amiguinhos dele rindo da minha cara a aula toda achando que estava me apaixonando por ele?! Mas sério, não, eu não quero nem ser amiga dele. Calma, você está com ciúmes?

- Quê? Não. - Falou alongando o fonema do “a”, o que sempre acontecia quando ele estava mentindo. - Não. Estou te protegendo, primeiro porque aquele garoto é um idiota, segundo porque ele está namorando a Ana.
- Inclusive, ela me abordou no corredor.
- Como assim? - Conteí tudo o que aconteceu. Ela reclamando sem motivo. Tudo. Até a última fala da Ana. Aquilo me incomodou bastante, pelo visto Sky também percebeu, pois ele segurou minha mão e entrelaçou os dedos nos meus. Saímos da sala e fomos em direção a cantina.

2

SKY

Sof estava me contando como Ana “abordou” ela do corredor quando eu percebi que ela levou a mão ao rosto e começou a apertar o lóbulo da orelha, o que ela fazia quando estava ansiosa. Então peguei sua mão e entrelacei meus dedos no dela para tentar acalmá-la.

Eu nunca tive certeza se ela percebia quando estava “se machucando”, mexendo na orelha ou tirando a pele do dedo, mas acho que não. Se ela soubesse, ela não iria se machucar, certo?

Saímos da sala e fomos para a cantina. Lá encontramos sentados em uma mesma mesa Gaia, Pedro (sem ser o babaca), Gi, Jade e Lucas. Apesar de não termos uma relação como a minha e a de Sof, esse grupo era o mais próximo do que eu poderia chegar a chamar de amigos.

Nós demos um “oi” geral, e nos sentamos um ao lado do outro. Todos nós estudávamos na mesma sala, mas o horário do recreio era um dos únicos instantes que podíamos conversar juntos, sem formar outros pequenos grupos. Parei de prestar atenção na conversa e me perdi em meus pensamentos.

Fazia algum tempo que estava guardando um segredo de Sof, eu não queria mentir pra ela, claro, mas as coisas ficaram realmente difíceis depois que o irmão dela morreu e eu não queria que ela achasse que eu estava tentando substituí-lo, eu só queria me aproximar de Sof, e fazer algo que Namu gostava também me dava a impressão de que eu estava mais próximo dele.

- Você está bem? - Sof sussurrou para mim, não sabia que ela estava me observando. Assenti devagar.
- Não se preocupe. - Ela ficou desconfiada, mas não fez mais perguntas.
- Ouvi algumas palavras como “jogos” e “partidas”, provavelmente estavam conversando sobre futebol, um esporte que Giovanna amava, e provavelmente era isso, porque: 1) ela estava falando e 2) ela sempre estava

falando. Mas, de qualquer forma, estava nervoso demais para estar ou até fingir que estava interessado.

- **Peguei meu telefone dentro do bolso da calça e olhei o horário: 10:06, faltavam quatro minutos para acabar o recreio. Me aproximei de Sof e falei, para ninguém mais escutar.**
- **Eu já vou indo. Preciso falar com minha irmã, tudo bem?**
- **Quer que eu vá com você? - Ela olhou no fundo dos meus olhos, mas algo me fez pensar que ela estava mais preocupada com Amb do que comigo.**
- **Ei, você sabe que pode falar com ela quando quiser. Aliás, ela adoraria falar com você.**
- **Eu quero falar com ela, eu realmente quero, só não sei como expressar tudo o que eu preciso.**
- **Só seja sincera. - Eu me levantei e beijei sua testa, mas logo me senti estúpido, aquilo geralmente só acontecia dentro da minha cabeça, acho que estava tão apaixonado por Sof que perdi o controle dos meus atos.**

Eu estava no segundo ano do Ensino Médio, e Amb ainda estava no nono, então a sala onde geralmente tinha aulas ficava no lado oposto ao da minha. Então caminhei até lá. Por causa de Namu ela passava a maior parte do dia sozinha, ela disse em casa que algumas pessoas a chamavam para ir ao refeitório junto com elas, mas ela negava. Me disse que seria estranho estar com outras pessoas sem *ele*. Eu entendia, mas não queria que ela perdesse a oportunidade de aproveitar as outras coisas boas que estavam ao seu redor.

- **Oi. - Fechei a porta atrás de mim quando entrei na sala do nono ano. Ela reconheceu minha voz e antes de se virar e fechar o livro que estava lendo, marcou a página com um pedacinho de papel rasgado de seu caderno.**
- **O que está fazendo aqui? - Ela falou desconfiada, mas eu sabia que estava feliz por ter uma companhia “familiar”. Me sentei na carteira ao lado da sua.**
- **Eu não posso apenas vir fazer companhia para minha irmãzinha?**
- **Não. - Ela falou balançando a cabeça negativamente. - Eu sei que você me ama, mas não, não pode. O que aconteceu?**
- **Você tem razão. Desculpa! Eu só não queria ficar perto da Sof. Eu não aguento mentir para ela! - Amb me olhou maliciosamente e eu revirei os olhos, mas sorri. Ela respondeu sem hesitar.**

- Então conte a verdade.
- Você arranja umas soluções tão fáceis...
- O problema é fácil.
- Certo. Você é doida. - Ela sorriu. Ouvimos o sinal tocando e o os corredores começaram a ficar mais cheios. - Preciso ir. - Nós dois nos levantamos e ela subiu na ponta dos pés para beijar minha bochecha. - Outra coisa. - Ninguém tinha entrado na sala ainda, então achei que seria uma boa oportunidade de citar o assunto. – Por que depois da aula você não fala com a Sof?!
- Depois da aula, especificamente? - Ela fez uma careta.
- Não. Não precisa ser depois da aula, eu sei que você tem compromisso, mas vocês precisam conversar, tudo bem? - Ela assentiu, dei um sorrisinho rápido e sai da sala.

Depois disso, tive a impressão de que as aulas passaram mais rápido do que eu esperava. Não era como se eu estivesse me esforçando a prestar atenção, mas os conteúdos também não estavam tão maciços.

Depois da morte de Namu, as coisas ficaram bem diferentes, eu e Amb continuamos indo à escola normalmente, ao contrário de Sof que ficou um tempo em casa. Mas minha irmã passou a ir ao cemitério todos os dias, sem exceção. Foi um compromisso que ela fez consigo mesma. Apesar de admirar, eu nunca vou entender a amizade que aqueles dois tinham. E eu, todos os dias depois da morte de Nicolas Emanuel, passei a ir ao parque a tarde, que era o momento em que costumávamos ir nós quatro, Namu, Sof, Amb e eu, além disso, era o horário em que eu não estava no colégio, tudo na esperança de encontrar Sof lá. Queria encontrá-la e poder consolá-la de alguma forma. Tiveram alguns dias que eu apenas encontrei seus pais voltando do trabalho, eu sempre perguntava como ela estava e eles me falavam que ela continuava no quarto, bem mal, bem triste. Pensei várias e várias vezes em ligar, mas acho que ela precisava de um pouco de espaço para pensar em tudo que aconteceu.

Namu morreu dia 10 de outubro. Nós ficamos devastados. Todos nós. Sof, Amb, eu, os pais dele, meus pais. Ele era aquele tipo de menino que não se aproximava de qualquer um, ele era bem seletivo ao círculo de amizades dele, tanto é que ele só era próximo de mim e da minha irmã. Nós éramos um grupinho bem clichê e eu não falo com desgosto! Não fomos nós que escolhemos a quem

conhecer e quem gostar. Duas duplas de irmão: Sof e Namu. Eu e Amb. Melhores amigos desde a infância.

Os pais de Namu nunca realmente contaram o que aconteceu com ele. Acho que nem eles têm certeza do que aconteceu com o filho. Mas sei que sua filha, Sof, se sente culpada, e muito. Mas parte do acidente também foi culpa minha, eu sabia que algo não estava certo com Namu, mas deixamos ele decidir se contaria para algum adulto ou não. E foi o pior erro de nossas vidas. Um erro que será impossível de esquecer e anular.

Uma semana antes de minha mãe vir (para mim e para Amb) nos falar que Namu tinha falecido, Sof tinha me ligado. Era umas duas da manhã, mas mesmo assim eu estava apto a escutá-la, sempre estive.

A menina de cabelos negros e compridos acordou no meio da madrugada de um sábado. Ela não conseguia dormir novamente, então decidiu ir pegar um copo d'água na cozinha. O relógio de parede marcava exatamente 2:17 da manhã. Mas antes mesmo de chegar no corredor que separava o quarto dela do quarto ao lado, ela parou.

O garoto nunca foi de dormir tarde nem nada assim. Algumas vezes ele foi deitar tão cedo que seus pais e sua irmã estranhavam um menino de quatorze anos ir dormir naquele horário. E ele dormia mesmo, não ficava revirando-se na cama tentando achar a melhor posição ele simplesmente se deitava arrumava o cobertor e dormia.

Na noite anterior, sua família achou que o menino tinha ido dormir cedo, igual aos outros dias. Mas a sua irmã, que estava bem ali o observando, percebeu o quão estavam errados.

O menino estava encolhido perto do batente da porta, segurando suas pernas próximas ao peito. Seu corpo magro estava tremendo, seus olhos estavam arregalados e ele balançava-se para frente e para trás na tentativa falha de se acalmar. Além de tudo isso, ele estava sussurrando uma frase continuamente:

- Por favor, eu não posso te perder... Por favor.

A garota estava chocada, nunca tinha o visto daquela maneira. Quem costumava ter problemas em ficar dentro da sua cabeça por muito tempo era ela, não ele. Mas mesmo assim ela tentou ajudá-lo. Afinal, irmãos protegem uns aos outros. A menina de cabelos negros foi se aproximando do garoto devagar, com a voz mais tranquilizadora possível ela tentou conversar com ele:

- *Namu, o que foi... – Ele não parecia escutá-la, então delicadamente ela tocou seu ombro, e mesmo por cima do tecido da camisa ela pode sentir que ele estava mais frio do que deveria. O corpo dele tremeu mais ainda, e o dela também, estava muito assustada. Seu irmão estava tão assustado que até com o mais delicado toque, ele estremeceu. Ela agachou-se ao seu lado e falou novamente. - Você não quer dormir no meu quarto hoje?*

Ele finalmente deu sinal de que tinha pelo menos escutado a voz de sua irmã. Ele a olhou e um pouco do brilho normal que existia em seus lindo olhos castanhos apareceram. Ela soltou o ar que nem sabia que estava prendendo. Ele a olhou, seus olhos estavam cheios d'água e seu queixo tremia levemente. Ele bem devagarinho assentiu.

A garota pegou sua mão dando-lhe apoio para levantar e caminhar juntos lentamente até sua cama. Ela fez com que ele deitasse e correu para o outro lado para deitar com ele. A cama era de solteiro, mas nenhum dos dois se incomodou em ficar juntos, tudo o que precisavam naquele momento era sentir que o outro estava seguro.

Ela o cobriu com a coberta e percebeu que seu corpo tinha parado levemente de tremer. Mas seus olhos continuavam fixos no teto. Começou a acariciar seus cabelos. Seu corpo foi se acalmando e suas pálpebras começaram a ficar pesadas. Lentamente ele foi caindo no sono, e ela também, depois de algum tempo observar seu peito por baixo da coberta, descendo e subindo, numa respiração regular.

Os dois já tinham pegado no sono quando uns dez minutos depois o garoto se mexeu, ele não acordou, ele adormeceu em um sono profundo, provavelmente muito cansado, mas sua irmã sim, ela ainda estava assustada, tentando processar tudo o que aconteceu alguns minutos antes. E ela decidiu fazer uma ligação.

- Você tem certeza que está bem? - Sof tocou meu ombro e me olhou com curiosidade. Não tinha mais ninguém dentro da sala. O sinal já tinha tocado, a aula acabado e eu não tinha percebido.

- Você não precisa se preocupar comigo. - O que de uma forma ou de outra era verdade, mesmo tendo acabado de ter lembranças tão vívidas daqueles últimos quatorze dias, eu estava bem. Me levantei e nós dois fomos caminhando até a saída da escola.

Chegando lá avistei o carro dos pais de Sof no estacionamento.

- Achei que você costumava ir andando para casa. - Falei apontando para o carro e acenando, pois, tia Luci, a mãe de Sof, tinha me visto.

- Eu também. Mas eu me afastei deles nessas duas semanas e acho que eles querem recompensar o tempo perdido. - Ela falou sorrindo para seus pais. E naquele momento eu percebi o quão linda ela era. As mechas de seu cabelo moldavam o seu rosto e a deixavam com um ar de leveza e sinceridade quando sorria.

- Que pena. Eu ia te acompanhar até em casa hoje...

- Você ia?! - Assenti e ela riu. - Você quer que a gente leve vocês até em casa? - Sof tinha visto minha irmã do outro lado da rua, caminhando sozinha. Então perguntou antes que eu tivesse a oportunidade de responder a sua primeira pergunta. - Onde ela está indo?

- Ela passou a ir ao cemitério todos os dias depois da aula. Sabe, para contar como foi seu dia e o atualizar das fofocas do colégio.

- Isso... Isso é bem legal. - Se fez um momento de silêncio entre nós, ficamos observando Amb andar e ir aumentando a distância entre nós. Senti que Sof estava meio decepcionada por não ter pensado em ir “falar” com Namu. - Certo. Eu preciso ir. - Ela falou de repente, balançando a cabeça como se quisesse sair de dentro de seus pensamentos. Ela apoiou rapidamente a mão no meu ombro e beijou minha bochecha, senti meu rosto queimando do exato momento em que seus lábios encostaram na minha pele. Ela se afastou e foi correndo até o carro. Me senti a pessoa mais sortuda do mundo! Aparentemente fazer um gesto carinhoso (beijar o topo da sua cabeça, no caso) nos leva a outras incríveis consequências.

- Estou muito feliz que você voltou, Sof. - Sussurrei para mim mesmo, mesmo sabendo que ela não poderia me escutar. Ela se virou e acenou novamente, entrando no carro.

Me vi sozinho no meio da multidão de pessoas desesperadas para sair do colégio. Mas mesmo assim decidi entrar novamente. Fui direto para a biblioteca, apesar da Tia Lourdes (a bibliotecária) estar naquele momento em horário de almoço, ela continuava na biblioteca porque: 1) lá tinha ar-condicionado e 2) aparentemente a cantina “é muito barulhenta no horário do almoço”, então ela me deixa ficar lá.

- Boa tarde, Sky! - Ele me recebeu carinhosamente. Tia Lourdes era uma senhora de aproximadamente 60 anos, muito simpática! Ela me conhecia desde

pequeno, então apesar de ela nunca ter me chamado assim, não me impressionou o fato de ela saber sobre o apelido que Namu e Sof me deram.

- Boa tarde, Tia. Tudo bem? - Ela fez um gesto como se não importasse.

- Você sabe que não precisa me chamar assim!

- Eu sei! Mas você me conhece desde pequeno então me sinto na obrigação de te chamar de “tia”. - Ela riu.

- Tudo bem. Mas então o que te traz aqui, novamente?

- Nada demais. Só vim entregar este livro... - Falei abrindo a mochila e tirando delicadamente “Traços” do Eduardo Cilto. - E falar com minha bibliotecária favorita!

- Certo. - Ela revirou os olhos, mas eu sabia que ela estava feliz com minha companhia. - Você está lendo muito neste período. Algo a ver com Namu e Sof. - Sorri e dei de ombros mesmo querendo dizer que era exatamente por eles que tinha começado a ler. - Vocês jovens são tão complicados! Sky... Expresse o que você sente pela garota!

- Está tão na cara assim? - Perguntei tirando uma lista de livros delicadamente dobrada do bolso. E fazendo um pequeno *check* de caneta ao lado do nome “Traços”.

A semana passou e eu senti, acredito que Amb e Sof também, que as coisas estavam voltando ao normal, na medida do possível.

- Sky? - Levantei o olhar. Nós estávamos na cozinha da casa de Sof, estudando para um teste de história. A mesa de vidro estava lotada de fichas sobre a matéria. Sof levantou para pegar um copo d’água. - Você pode dormir aqui este final de semana? - Falou ela desistindo do copo e segurando uma folha.

- Posso... Porquê? - Ela pegou o papel que estava perto da geladeira e me entregou. Era um calendário. Estava escrito algo em caixa alta no dia 14 de novembro.

“Empacotar coisas do Namu”

- Chama sua irmã também, por favor. Vocês merecem fazer parte disso. - Falou ela meio tristonha.

- Vocês estão pensando em doar as coisas dele? - Ela assentiu.

- Guardar objetos de valor e tudo mais.

- **Estarei aqui. - Falei. Ela sorriu, mas seus olhos estavam cheios de lágrimas. Me levantei e a abracei. Ela encostou a cabeça no meu peito, abraçou minha cintura e começou a chorar em silêncio.**
- **O-obrigada. - Falou ela entre soluços. Beije o topo de sua cabeça. Eu não tinha noção do que estava passando por sua cabeça, eu realmente tinha achado que nessas duas semanas a dor tinha se dissipado, nem que fosse um pouco, mas não importava o mínimo que poderia fazer era ajudá-la, ficar perto dela não importa o quão difícil estejam as coisas e era isso o que eu iria fazer.**

3

SOF

Nós três entramos quase ao mesmo tempo dentro do quarto. Meu corpo se arrepiou e minhas mãos começaram a tremer levemente, de repente as memórias vieram à tona, mesmo sem querer, consegui visualizar Namu sentado e tremendo perto da porta. Todos estavam em silêncio, além do que não tinha nada a ser dito. Ficamos por alguns segundos apreciando o quarto da maneira que ele foi deixado.

Havia algumas folhas em branco e umas canetas jogadas em cima da escrivaninha que ficava abaixo da janela. A estante de livros, apesar de empoeirada, estava organizada de uma maneira delicada de acordo com os tamanhos dos livros. A cama estava arrumada, mas me lembrei que não tinha sido Namu que tinha a arrumado, aliás ele nunca arrumou. “A vida é muito curta para se preocupar com a cama arrumada que eu vou bagunçar de noite”, ele justificava, eu sorri para tudo a minha frente, todos os objetos e os mistérios que nunca serão desvendados. Eu sentia falta do meu irmão, isso eu não posso negar, mas ficar no quarto dele, era como se ele estivesse comigo de novo, assim como quando estou lendo.

- Sinto muito. Eu não consigo ficar aqui. - Amb saiu do quarto as pressas.
- Para onde ela foi? - Perguntei.
- Para o parque. - Sky respondeu. - Eu falo com ela. - Ele disse já saindo do quarto.
- Não. - Segurei seu braço. - Deixa que eu vou.
- Certo.

Já quando saí de casa comecei a correr. Fiquei bem feliz em saber que Amb também encontrava consolo no parque. Não tinham muitas pessoas lá, estava começando a escurecer então era o horário em que as famílias já estavam cansadas, querendo ir para casa, apesar de amanhã ser sábado e muitos não terem que trabalhar ou ir a escola.

Por muito tempo eu adiei essa conversa com Amb, mas eu não hesitei nem um segundo em ir falar com ela. Sky, apesar de me dar espaço, não me deixou sozinha nenhum segundo e não iria deixá-lo, muito menos a sua irmã.

- Amb? - Chamei. Ela estava no mesmo local em que costumávamos ir. - Posso me sentar? - Ela assentiu passando as mãos no rosto. Estava chorando.
- Sof, me desculpa. Eu não consigo ficar lá. Não consigo suportar não ter ele mais comigo.
- Eu sei. - Quando eu estava triste, tudo o que eu queria era alguém que falasse que sabia o que eu estava sentindo e estava tudo bem sentir aquilo. Então achei que isso seria o ideal para dizer em um momento como esse. Ela passou a mão pela minha barriga e me abraçou, fiz o mesmo. - E está tudo bem sentir dor e tristeza, está tudo bem fugir daquilo que não está nos fazendo bem. Mas o que você está sentindo não será permanente. Tudo bem?

Ela assentiu e pude perceber que minhas palavras realmente a tocaram. Ela se levantou, mais calma, talvez mais esclarecida de tudo o que estava acontecendo dentro dela, estendeu a mão para mim e eu a segurei. Apesar de ter perdido meu irmão, ganhei uma irmã, uma irmãzinha linda e corajosa, talvez a pessoa mais forte que já conheci.

Chegamos em casa e me perguntei se ela queria ficar no meu quarto ou ir tentar entrar no quarto de Namu de novo. Não precisei nem abrir a boca. Amb entrou em casa pegou sua mochila que estava apoiada na cadeira da mesa e tirou ali de dentro um livro, apesar de não conseguir ler o título reconheci a capa: Os Legados de Lorien. Ela sentou-se no sofá e começou a ler. Fui no meu quarto, peguei uma coberta e entreguei a ela.

Não sabia que ela tinha começado a ler.

Amb estava mais calma, então pude ver como Sky estava. Entrei no quarto, ele estava mexendo nos livros das estantes, tirando do-os do lugar, folheando-os e depois colocando de volta. Suas mãos estavam tremendo enquanto folheava os livros, tornando-se impossível ler alguma palavra, por entre as páginas. Ele passava o peso de uma perna para outra.

- O que você está fazendo? - Falei um pouco receosa, mas preocupada.
- Senta. - Ele falou apontando para cama mais ainda olhando os livros. Obedeci. - Por favor, por favor... - ele sussurrava.
- O que está acontecendo? - Perguntei e ele não deu sinal de ter me ouvido, aquilo me aterrorizou, isso já aconteceu várias vezes com Namu. - Me responda, por favor. - Supliquei. Ele estava tão agitado que aquilo estava me deixando ansiosa.

- Para! - Falei no exato momento em que segurei o braço dele. Ele olhou para mim e contraiu o lábio, agoniado. - O que está acontecendo? - Ele estava suando de nervoso. - Me entregou um envelope.
- É uma carta. - *Uma carta?* Comecei a tremer, meus dedos formigavam e eu não sabia ao certo se deveria abrir o envelope ou não. *Será que ele escreveu a carta para mim?* Pensei. Era a coisa mais egoísta que eu poderia imaginar, mas eu não podia evitar, eu também não poderia fingir que não me importava. Eu implorava mentalmente para ser destinada para mim. *Por favor. Por favor. Por favor.* Abri o cartão, mas a carta não era destinada a mim. Era destinada a Amb. *Ai, essa doeu.* - Você não precisa ler. Veja a data. - Fiz exatamente o que eles disseram: **22/08.**
 - Você leu? - Perguntei.
 - Sim.
 - E... - Falei incentivando-o
 - Ele fala sobre escuridão profunda, como se não existisse sol. Ele fala que você está doente, mas ele também não sabe de que. Ele escreve a carta para Amb mas não é como se ele esperasse que ela lesse um dia. Ele diz que o destinatário é ela mas ele escreve a carta para ele. É meio confuso, mas é basicamente isso.
 - Certo. Mas... - Comecei sem entender o que aquilo significava. - Você acha que isso... - falei sem saber exatamente ao que eu estava me referindo. - Essa coisa de estar assustado... Começou a mais tempo?! A muito mais tempo? - Fazia mais de dois meses!
 - Não! Eu só acho que ele não tinha noção do que estava acontecendo. Como... alucinações. - Ele completou devagar e me olhou com atenção para ver como eu reagiria.
 - Isso explicaria o fato de ele estar bem e... “normal” do dia seguinte. - Fechei os olhos e pus a cabeça entre as mãos. O que eu deveria fazer? O que eu deveria pensar? Meu irmão estava doente, muito doente, e eu não pude fazer nada. Quando levantei a cabeça Sky estava perto da escrivaninha, olhando os papéis, abrindo as gavetas freneticamente.
 - Precisa ter outras. - Ele disse se referindo às cartas. Ele estava tremendo, e sua voz estava fraca, estava prestes a chorar. Sky se encostou na porta do armário, e foi escorregando até o chão, ele trouxe os joelhos até o peito e apoiou a cabeça, cobrindo com o braço. Me levantei e sentei na sua frente.

- Olha para mim. - Toquei sua mão e eu própria descruzei seus braços. Segurei seu rosto. - Você queria ter uma carta para você ou... - engoli em seco - para mim?
- Os dois. Eu acho. - Ele só queria algo para se agarrar, algo para provar pra Sky que a amizade entre ele e meu irmão significava algo para Namu. Uma lágrima caiu de seus olhos marejados e eu a sequei com meu dedão. Sky fechou os olhos. Esticou a perna sedento ao choro e à dor que tinha guardado dentro de si a muito tempo, tentando fortalecer as pessoas ao seu redor. Passei a mão por sua cintura, e apoiei a cabeça em seu ombro, o abraçando.
- Tudo bem. - Falei. Sua barriga tremia por causa do choro.
- Sof! - Eu me afastei e olhei para ele. Antes de falar ela passou as mãos no rosto.
 - Olha. - Ele se arrastou e esticou o braço para pegar algo que estava embaixo da cama. Sky segurava em mãos uma caixa de madeira, na tampa estava escrito **“vida sobre controle”** e ela era enfeitada com pequenos quadrados coloridos. Eu tinha a usado há alguns anos atrás para um projeto do colégio, mas com o passar dos anos tudo material que significava algo para mim e me faziam lembrar de algo (e que cabiam ali) eu colocava dentro da caixa. Poemas, uma fitinha que achei do chão, uma moeda que me deram. Anotações sobre livro e fotografias. - Esta caixa é sua. - Ele disse. *Eu sei e não deveria estar aqui, eu nunca trouxe ela aqui, pensei. Também não sabia se Namu tinha ideia do que esta caixa significa pra mim.*

Abri a caixinha e lá estava: um envelope com meu nome escrito na parte da frente. Tinham dois envelopes, Sky também percebeu e ficou animado, nada estava escrito então ele abriu o cartão. Mas se ele ficou desapontado pela carta não ser para ele, Sky não demonstrou.

- É para você? - Ele negou com a cabeça.

-Não, é para os seus pais. Mas, você está bem? - Ele perguntou e eu assenti. Me encostei no armário igual Sky fez minutos antes mas fiquei observando o envelope com meu nome. Estava com medo do peso daquelas palavras, com medo do que tudo aquilo representa ou representou.

Sky sentou ao meu lado e eu o observei, percebi o quão diferente ele estava desde que entrei no quarto, quero dizer, é como se fossem duas pessoas diferentes! A calma tinha voltado ao seu corpo deixando de lado todo aquele desespero. Acho que ele não queria uma carta para ele, afinal, ele só estava preocupado com como eu iria me

sentir se Namu não tivesse deixado nada para mim além de culpa e milhares de perguntas que nunca serão respondidas.

Comecei a abrir o envelope, mas antes segurei a mão de Sky.

- Você pode ficar aqui, por favor? - Ele assentiu e eu finalmente comecei a ler.

4

SKY

Esperei em silêncio Sof terminar de ler a carta. Ela dobrou novamente os papéis que saíram do envelope e os colocou dentro novamente. Ela ainda estava segurando minha mão e percebi que ela estava tremendo. Apertei um pouco mais sua mão. Ela apoiou sua cabeça em meu ombro.

- Ele me amava. - Falou ela depois de um tempo. Sof levantou a cabeça e olhou para mim. - Sei que é um pensamento egoísta, mas é bom saber que ele pensava em mim. - Ela sorriu perdida em seus pensamentos, ainda imersa nas palavras de Namu. Uma mecha de seu cabelo caiu em seu rosto e eu a coloquei atrás de sua orelha.
- Então, o que você vai fazer?
- Em relação a que?
- Você vai dar as cartas para Amb e seus pais, certo?
- Sim. E eu vou conversar com meus pais. *Nós* vamos conversar com eles, na verdade. - Falou ela com um sorriso como se dissesse “só se você quiser claro...” mas eu sabia que eu não tinha opção. Revirei os olhos, mas sorri.
- Então vamos. - Falei sem sair do lugar.
- Agora? Não. Eu preciso pensar no que falar e...
- Não, não precisa pensar, apenas entregue o envelope. Fale o que aconteceu nessas duas semanas. Seja sincera e fale o que estiver na sua cabeça, a verdade.

Levantamos e fomos a cozinha, onde os pais de Sof estavam. Mas primeiro Sof passou na sala para ver como Amb estava. Ela tinha pego no sono, Sof se aproximou cuidadosamente e tirou o livro que estava apoiado na barriga da minha irmã, colocou em cima da mesa de centro e cobriu Amb com o cobertor que estava em um canto do sofá. Fiquei observando de longe.

- Podemos falar com vocês? - Entrei na cozinha e como esperado os dois estavam sentados à mesa.
- Claro! - Falou tia Luci um pouco preocupada, mas apresentando um sorriso carinhoso. E tio Victor assentiu. Eu e Sof nos sentamos e antes de começar a falar ela deu um longo suspiro.
- Nós estávamos no quarto de Namu, vendo as coisas dele, como tínhamos combinado, mas Sky achou isso. - Ela colou em cima da mesa os três envelopes e empurrou o destinado para seus pais mais perto deles. - Namu escreveu três cartas, para vocês, para Amb e para mim. - Sua mãe levou as mãos a boca, assustada. - Mas ele não fez isso para si próprio, ele não se machucou de propósito! - Acrescentou ela rápido com medo de suas palavras terem um efeito diferente do que planejado. - Ele... - Sua voz se desfez antes de sair da sua garganta pois ela estava prestes a chorar. Segurei sua mão por baixo da mesa.
- Nós achamos que ele poderia estar tendo alucinações. - Completei. Sof assentiu mordendo o lábio.
- Eu não fui sincera com vocês nessas últimas semanas. Eu... em alguns dias eu encontrei Namu chorando no batente da porta, como se ele não soubesse o que estivesse acontecendo. Na primeira noite eu o encontrei e vocês estavam dormindo, então não achei que seria necessário chamá-los, tanto é que eu consegui acalmá-lo, e ele parecia tão... normal no outro dia, que não achei que seria um problema não contar para vocês. Mas nessa mesma noite eu liguei para Sky. - Eles ficaram em silêncio por um instante e tentei ler suas expressões faciais, mas é como se eles não tivessem surpresos por Sof falar aquilo. Ela abaixou a cabeça tentando controlar sua respiração, acariciei sua mão e ela olhou para mim. Eu dei um pequeno sorriso e assenti rapidamente. Estava orgulhoso dela.
- Filha... - Tio Victor começou. - Nós também não fomos muito sinceros com você também. - Sof olhou para ele, tentando compreender a fala de seu pai. Eu estava igualmente confuso.
- Nós sabíamos que seu irmão não estava bem. - Completou tia Luci.
- O que? - Perguntou Sof, mas ela sabia exatamente o significado das palavras de sua mãe.
- Nós sabíamos que ele estava com essas crises. - Tia Luci disse.

- E vocês não me disseram nada? Vocês não *fizeram* nada?! - Ela falou se levantando e quase derrubando sua cadeira. - Fechei os olhos. Não queria que essa conversa acabasse como uma discussão.
- Sof, nós achamos que eram só pesadelos. - Falou seu pai se levantando e abrindo os braços como se fosse abraçá-la.
- Mas não eram! Ele está morto. - Gritou ela, percebi que era a primeira vez que Sof verbalizou isso, ela ficou assustada com as palavras que saíram de seus próprios lábios, Tio Victor passou os braços ao redor dela. Ela estava se debatendo, mas depois cedeu. Chorou no colo de seu pai. Sua mãe ficou parada, receosa em se aproximar. - Desculpe... eu só...- gaguejou Sof.
- Está tudo bem. Nós que deveríamos pedir desculpa.

Imagino que estava tudo bem. Me levantei em silêncio e fui para sala. Sentei na poltrona ao lado do sofá onde minha irmã estava, e folheei o livro que ela estava lendo, mas não estava prestando muita atenção, estava um pouco preocupado com Sof, será que eu tinha feito a decisão errada, pedindo para ela falar com seus pais?

Me veio à cabeça um pensamento que já estava concreto a muito tempo. Sof não se isolou das pessoas por tristeza, ela se isolou com medo do que ela própria poderia falar, com medo das outras pessoas não gostarem do que a tristeza a transformou. Mas eu não entendia muito bem, ela mudou, mas não diria que ela mudou para pior. Muitas vezes a tristeza nos transforma em algo que nunca pensamos ser possível sermos. Mas é escolha sua inverter o efeito disso ou continuar sendo a pessoa que esse sentimento fez com que você se tornasse.

Depois de algum tempo percebi que Sof tinha ido para seu quarto. Então achei que seria a oportunidade certa para me desculpar com seus pais.

- Licença. - Falei entrando na cozinha e os dois olharam para mim, meu estômago se revirou, eles estavam com o olhar ainda abalado. Eu sabia que eles nunca queriam o mal para seu filho e se atentar a esse erro fez com que parte da alma deles também se despedaçasse. - Eu só queria dizer que eu nunca quis que vocês brigassem. Eu convenci Sof de vir falar com vocês, porque eu percebi que estava fazendo mal a ela esconder algo tão grande de vocês. Eu sinto muito.
- Sky... Não foi sua culpa. - Falou tia Luci se aproximando de mim. - Nós estávamos adiando essa conversa a muito tempo. E por incrível que pareça, por mais que ela esteja chateada e triste, ela não está brava com a gente. Ela

sabe que o que aconteceu não pode ser desfeito. - Assenti, mas aquilo ainda estava me incomodando. - Agora vá colocar sua irmã no quarto de Namu! - Ela segurou meu rosto e beijou minha testa. Tio Victor apertou meu ombro carinhosamente e sorriu.

Fui para sala e delicadamente peguei minha irmã no colo. Passei um braço por baixo de seu joelho e o outro segurando suas costelas. A levei para quarto de Namu e a coloquei na cama. Peguei um pedaço de papel e escrevi: “sei que você não queria vir para cá, mas não poderia deixar você dormir no sofá” e desenhei uma carinha feliz, coloquei o bilhete na escrivaninha onde sabia que quando acordasse ela o veria.

Fui para o quarto de Sof e fechei a porta atrás de mim. Ela estava deitada por baixo das cobertas em posição fetal encarando a parede do outro lado do quarto, me sentei ao lado de suas pernas.

- Ei, princesinha Sofia, você está bem? - Ela assentiu sem olhar para mim. Depois de um instante ela falou.
- Me desculpe... eu só... é mais fácil culpar o outro do que a você mesmo.
- Mesmo que não tenha sido sua culpa. - Eu completei e ela finalmente me encarou.
- Mesmo que não tenha sido sua culpa. - Ela sussurrou. Me levantei e fui para a outra cama ainda no mesmo cômodo. - Eu vou dormir, está bem?
- Quer que eu apague a luz?
- Não. Pode ficar acordado se quiser.
- Boa noite. - Falei e não tive resposta. Fiquei grato por ela ter dito aquilo, eu realmente estava agitado e não queria dormir naquele momento. As cartas que encontrei de Namu me fizeram pensar no que ele estava passando. Será que ele sentia alguma dor física? Ou só seu psicológico estava alterado?

Enfiei a mão dentro da minha mochila e peguei o livro “Se eu ficar” de dentro dela. Apesar do livro tratar de um assunto um pouco delicado e que talvez se reflita na minha situação atual, a leitura me ajudou a parar de pensar um pouco no *meu* mundo. Acho que é por isso que Namu e Sof gostavam de ler, para sair um pouco da própria realidade monótona e preocupante.

A história é sobre uma menina que sofre um acidente de trânsito e sua vida muda drasticamente. Falando dessa maneira parece algo que nós trataríamos na escola. Com prevenção de acidentes, mas é um livro bem interessante e

esclarecedor. Durante toda a história Mia (a personagem principal) descobre mais sobre as pessoas ao seu redor do que ela poderia imaginar.

Eu tinha mastigado quase metade do livro quando fui ver o horário: 02:12 da manhã. Não sabia que tinha ficado tanto tempo assim lendo. Decidi apagar a luz com medo de atrapalhar o sono das outras pessoas que estavam ali, mas minha atenção foi captada por outra coisa antes que eu tivesse a oportunidade de me levantar.

Sof estava se mexendo como se quisesse fugir de algo de dentro da sua cabeça. *Estava tendo um pesadelo*, conclui. O cobertor que estava até seu pescoço não estava nem cobrindo seus pés. Decidi acordá-la. Mas era tarde demais. Sof gritou e se levantou, quase caindo da cama. Corri até ela e a envolvi em meus braços.

- Você está bem. Você está bem. - Eu falava freneticamente mais para me acalmar do que a ela. Ela estava ofegante. - Sof. Meu Deus, você está congelando. - Sussurrei. Me deitei novamente com Sof ainda perto de mim. Ela se agarrava na minha blusa. Estava chorando. Tio Victor chegou correndo, se apoiou no batente da porta e passou a mão no cabelo curto. Aparentemente não era a primeira vez que isso estava acontecendo. O encarei e ele contraiu o lábio nervosamente.
- Por favor... Por favor... - Sussurrava ela.
- Sof. - Segurei seu rosto. - Está tudo bem. - Ela olhou para mim e assentiu, respirando fundo. Mas continuou tremendo, sua pele estava fria. Peguei a coberta em nossos pés e cobri nós dois. Ela apoiou a cabeça no meu peito e eu a puxei mais para perto pela cintura. Encarei o teto e depois de um instante fechei os olhos, respirando fundo.

- * -

Acordei lentamente, meio desorientado por causa das poucas horas de sono. Mas as memórias da noite anterior começaram a voltar à minha cabeça a medida que eu olhava ao meu redor. Sof ainda estava com a cabeça apoiada em meu peito e com uma das mãos em minha costela. Apesar de meus braços ainda estarem ao redor dela, toquei seu braço nu para ver sua temperatura. Normal. Como se nada tivesse acontecido ontem...

Não. Sky. Para. Não. Pense. Nisso.

Ouvi um ruído vindo da cozinha e constatei que tio Victor e tia Luci estavam acordados. Tentei me afastar de Sof sem que ela acordasse. Me levantei e, para minha surpresa, ela não acordou. Dei uma conferida no quarto de Namu e vi que minha irmã também tinha acordado, antes de entrar no outro cômodo dei uma olhada no relógio que ficava no corredor, separando os quartos das “áreas de lazer” da casa: 6:45.

- Licença. - Falei entrando na cozinha. Sem muita vontade de encarar nenhum dos três.
- Sky! Bom dia. Você está bem? - Perguntou tia Luci carinhosamente. Eu apenas assenti. Me sentei a mesa com eles, mas não estava com fome. Depois de alguns instantes Amb se levantou e foi até a pia para lavar o prato que tinha usado.
- Gente, muito obrigado por terem vindo, tenho certeza que Sof ficou muito feliz com a companhia de vocês, mas acho que é bom vocês irem para casa. - Amb assentiu compreensivamente.
- Vou só arrumar minhas coisas. - Ela falou.
- Tudo bem. - Me levantei. Esperei ela sair para perguntar.
- Ela não vai se lembrar de nada do que aconteceu ontem... hoje a noite?
- Provavelmente não. - Falou tia Luci.
- E eu só devo fingir que aquilo nunca aconteceu?
- Não. Nós vamos conversar com ela, mas... não tem o que a gente fazer. Quero dizer não tem como ajudá-la a não ser dando apoio emocional... - Assenti. Pensando em fazer uma última pergunta, respirei fundo tentando controlar minha respiração.
- Ela tem a mesma coisa que o Namu tinha? - Eles apenas se encararam. Aquele gesto já era suficiente. O ar de repente saiu de meus pulmões, e fui cambaleando para trás até bater na parede.
- Sky... - Começou Tia Luci.
- Não. - Levantei as mãos. - Desculpa... mas, não precisam se explicar. - Amb apareceu na porta. - Precisamos ir. Desculpa. - Dei um rápido aceno, peguei minha mochila no quarto de Sof e sai atrás de Amb. Alguns minutos depois de sair da casa de Sof, Amb segurou minha mão e perguntou se eu estava bem.

- **Estou. - Menti.**
- **Você não consegue mentir para mim. - Ela respondeu, revirei os olhos, odiava quando ela estava certa.**
- **Eu... - Respirei fundo e deixei o ar sair de meus pulmões devagar. Olhei para ela. - Você ouviu o que aconteceu hoje de madrugada? Com Sof? - Ela parou bruscamente e assentiu devagar. - Então. Eu acho que Namu estava tento isso também... - Olhei para frente sem conseguir encarar os olhos de Amb. Voltamos a andar. - E... eu só consigo pensar nisso agora. Porque isso acontece?! - Falei frustrado.**
- **Mas você acha que ela... - A encarei e vi que seus olhos estavam cheios d'água.**
- **Eu não quero pensar nisso. - Ela assentiu. Mas era inevitável. Nós dois estávamos pensando na mesma coisa. Afinal, era a única coisa possível a se pensar.**

5

SOF

Já quando acordei olhei ao meu redor e não vi sinal de Sky no quarto. Me levantei e fui até a cozinha, onde meus pais costumavam ficar durante a manhã.

- Bom dia. - Falei. - Sky e Amb já foram embora? Tão cedo?
- Sim... eles precisaram ir. - Minha mãe falou, encarando suas mãos. E meu pai ficou olhando para seu próprio prato vazio.
- O que aconteceu? - Estranhei. Eles estavam tão tensos. - Aconteceu alguma coisa com eles?! - Perguntei assustada.
- Não, eles estão bem. Mas filha, temos que conversar. - Ele finalmente olhou para mim, contraindo os lábios e franzindo o cenho como se estivesse com pena de mim. *Ai meu Deus. Aconteceu de novo.* Minha mãe só olhava para mim daquela forma quando acontecia algo, mas nessas duas semanas estava acontecendo algo. Algo *comigo*. - Você... teve um pesadelo de novo. - Eu abri minha boca para falar, mas as palavras simplesmente não se formaram.
- Eu machuquei vocês? O Sky?
- Não. Sof, você nunca machucou ninguém, e não vai machucar também. Você só gritou e ficou tremendo. Era só para você ficar sabendo. - Eles contaram que Sky ainda estava acordado então foi ele que me ajudou.
- Ai meu Deus. - Passei as mãos no cabelo e respirei fundo tentando controlar minha respiração. - Tudo bem. - Falei para mim mesma. - Peguei uma torrada e dei uma mordida, pensando no que eu deveria fazer agora. Engoli a comida e falei. - Vou ligar pra ele. - Saí da cozinha mas depois coloquei a cabeça para dentro de novo. - Mas mãe! - Ela olhou para mim mais calma. - O jantar ainda está de pé? - Perguntei.
- Claro. - Ela sorriu animada.

Sinceramente, eu estava mais calma do que eu esperava. Esses pesadelos, ou sei lá como chamar isso, começaram bem antes da morte do meu irmão, e geralmente ele

que me ajudava, mas como depois de certo tempo *ele* que precisou da minha ajuda isso parou, não era como se eu estivesse dormindo também. E nunca foi nada sério, eu não lembrava de nada no dia seguinte. Eu só ficava meio incomodada com o fato de eu perturbar as outras pessoas ao meu redor, geralmente meus pais, mas nesse caso Sky.

Mas apesar dessas crises não fazerem diferença para mim eu fiquei feliz porque meus pais tiveram a liberdade de falar sobre isso comigo.

Ainda nesta semana, conversei com eles, sugeri que fizéssemos um jantar para minha família, fazia muito tempo que nós não nos reuníamos, meus avós, tios e primos, e acho que é importante fazer esse tipo de reunião, comemorar a vida, e ao mesmo tempo honrar meu irmão. As coisas estariam diferentes, obviamente, mas acho que seria bom rever todo mundo. Ouvir as piadas bobas do meu tio, observar minhas tias dançando com minha priminha mais nova...

- Mudança de planos. - Falei entrando na cozinha novamente com o telefone na mão. - Vou lá na casa deles.
- Sof, não acho que você deveria ir lá. Apenas telefone. - Minha mãe falou.
- Nada disso. Vamos. Te dou carona. - Falou papai.
- Victor! - Reprimiu minha mãe.
- Sinto muito. A garota precisa falar com o amigo dela. - Mamãe revirou os olhos, mas sorriu.
- Te amo! - Falei por cima do ombro e já correndo na direção da garagem. Papai pegou seu casaco que estava pendurado na cadeira da mesa, pegou as chaves do carro e me seguiu.

Agradei, saí do carro e me despedi de meu pai. Toquei a campainha e esperei inquieta. Depois de um instante Amb apareceu e abriu a porta falando que Sky estava no quarto dele. A abracei e entrei na casa, apressadamente.

- Sky! - Falei entrando no quarto dele. Ele se assustou e rapidamente se virou para guardar algo na mochila, que estava encostada na cabeceira da cama. Ele estava sentado na cama e eu me sentei de frente para ele, nossos joelhos se tocando. - Eu sinto muito.
- Sof.
- Eu achei que isso tinha parado, mas... aparentemente não passou e eu sinto muito. - Eu falava como se o tempo fosse muito curto para tudo o que tinha para falar, mas a questão era que eu não sabia o que falar.
- Sof.

- Eu não queria que isso acontecesse e você está sem dormir - falei reparando nas marcas abaixo de seus olhos, e como seus ombros estavam tensos, como se ele ainda estivesse em alerta. - E eu... - Parei de falar. Sky segurou meu rosto com as duas mãos e me beijou. Segurei seu pulso com uma das mãos e com a outra toquei seu antebraço. Ele se afastou, mas continuou de olhos fechados. Depois de um instante tentando me recuperar do gesto repentino eu falei. - Por que você fez isso? - Perguntei sentindo um sorriso se formar em meus lábios.
- Você não parava de falar! - Ele me encarou e riu.
- O que?! - Ri com ele.
- Você não tem nada pelo que se desculpar. - Ele falou.
- Mas... Eu só não queria que você tivesse perdido sua noite de sono.
- Sof, perdi muitas noites de sono pensando em você. - Inclinei a cabeça sem entender muito bem suas palavras. - De qualquer maneira... - Falou ele mudando de assunto rápido. - Eu já estava acordado. - Revirei os olhos.
- Tudo bem. Mas você pode só fingir que aceitou minhas desculpas.
- Eu aceito suas desculpas. - Ele falou. E eu sorri. *Muito obrigada.*
- Mas, ei! Sky, o que você está escondendo de mim? - Perguntei receosa e determinada ao mesmo tempo.
- Como assim? - Ele falou inocente, mas eu ele sabia exatamente o que eu queria dizer.
- Ah, olha. - Suspirei. - Sempre que eu chego em algum lugar para falar com você, ou algo assim, você esconde alguma coisa em sua mochila! Eu não sou cega! - Falei meio sem graça, me perguntando se eu estava sendo grosseira demais. - Só não quero que você ache que tenha que esconder algo de mim. É sobre meu irmão? Sua irmã? Você está saindo com outra pessoa? - Perguntei.
- O quê? Não! Quer dizer, sim! Desculpa, eu não queria que você se sentisse mal. Eu só não sabia como te falar. - Ele se inclinou para pegar algo de dentro do bolso da frente. Tirou de lá um papel delicadamente dobrado, e me entregou.
- Ok. - Falou e depois respirou fundo. - Era isso que eu estava escondendo. - Olhei para ele confusa.
- Um papel dobrado. - Falei assentindo.
- Meu Deus! Abra o papel, Sof. - Fiz o que ele mandou. - Não quis te contar porque achei que você ficaria incomodada, de alguma forma achando que queria substituir seu irmão... - Fiquei encarando uma listinha feita de caneta. Sky tinha

listado diversos livros que eu e meu irmão lemos, alguns já estavam com um *check* ao lado. Ele falava rápido demais tentando se justificar. - Mas não é isso! Eu só... - Uma onda de adrenalina tomou conta do meu corpo. Deixei o papel de lado e me joguei nos braços de Sky, entrelaçando meus braços em seu pescoço. Ele caiu para trás, passou um dos braços pela minha cintura e se apoiou no cotovelo com o outro. - Para que foi isso? - Ele perguntou e eu me afastei envergonhada.

- Por nada. Quer dizer, por isso. Por... por ser você! - Respondi. Não conseguia expressar o quanto estar ao lado de Sky significava para mim, e por mais estranho que isso parece estou tão feliz em saber que ele teve medo de eu ficar brava com ele, por achar que ele estava tentando substituir Namu. Olhei no fundo dos seus olhos, e percebi que minhas bochechas estavam queimando - Mas então... - Eu disse rindo. - Porque você está lendo esses livros? - Ele coçou a nuca.
- Eu só queria entender, o quê vocês tanto admiram nessas histórias. - Falou ele se virando para pegar um livro em cima da escrivaninha, reparei que ele tinha um porta-retratos. Namu, eu e Amb também estávamos na foto, era uma tarde qualquer, estávamos no parque, tiramos uma foto e ele emoldurou. Ele me entregou o livro: "Se eu ficar".
- Este é um dos meus livros favoritos! - Exclamei.
- Estou sabendo. - Ele piscou e eu sorri. Comecei a folhear o livro lembrando-me do que aquelas palavras significavam para mim. Depois de um instante me levantei e coloquei o livro no mesmo lugar que estava segundos antes.
- Tudo bem. Agora vai dormir, por favor.
- Não estou com sono. - Ele falou.
- Mas você não dormiu direito hoje...
- Nem você. - Ele afirmou. Revirei os olhos.
- Isso não é verdade. De qualquer maneira, temos um compromisso hoje à noite. - Falei animada. Ele se deitou e eu fui até o armário para pegar um cobertor. Fui esticando o edredom por cima de todo o seu corpo quando chegou no peito dobrei a bordinha do tecido.
- Você está me colocando para dormir? Eu vou ter meu beijinho de boa noite também? - Perguntou ele fazendo beicinho e eu sorri. Por um momento perdi o controle do meu corpo, quando fui tomar consciência do que eu estava fazendo,

meu rosto já estava muito próximo do seu, encostei meus lábios no dele e me afastei rapidamente. Olhei para ele e ele sorriu inocentemente.

- Você pode por favor dormir agora? - Perguntei já me virando para sair.
- Ainda não. - Ele rapidamente se sentou e me puxou pelo pulso, caí sentada na cama e ele me fez deitar em seu colo. “Ela se aproximou e quando percebo o que vai acontecer, sinto o ar ficar preso em minha garganta”. Ele tirou delicadamente uma mecha de cabelo que tinha caído por cima dos meus olhos e depois de um instante me beijou. “Ela pressiona os lábios contra os meus, tudo dentro de mim parece derreter. É um beijo suave, demorado”.

6

SKY

Meus pais, minha irmã e eu chegamos no lugar marcado (a casa de um dos tios de Sof) no horário combinado, mas para minha surpresa boa parte da família dela já estava lá. Estava vestindo uma blusa social escura e uma calça jeans. Minha irmã usava uma calça jeans azul e uma blusa preta sem manga. Minha mãe usava um vestido longo e meu pai uma blusa alaranjada.

- Você está bem? - Perguntei para Amb.
- Por incrível que pareça, sim. - Depois de um instante ela acrescentou. - É reconfortante pensar que você está em um lugar com pessoas que compartilham a mesma coisa. A dor de perder alguém no caso. Na escola eu me sinto deslocada porque ninguém sabe o quê aconteceu, então eu sinto como se precisasse esconder parte do que eu to sentindo. - Assenti compreensivamente. *Mesmo todo mundo sendo diferente, é bom se sentir normal às vezes*, pensei. Sorri para mim mesmo, passei um dos braços por cima dos ombros de minha irmã e beijei o topo da sua cabeça. Nesse instante abriram o portão para nós, e nós entramos no quintal da casa.

O lugar, apesar de simples, era bem bonito. A área era extensa então formas dispostas várias mesas de plástico com quatro cadeiras cada. Duas mesas grandes com comida e bebida ficavam mais afastadas de onde as pessoas conversavam animadamente. E ainda alguns bancos (sem mesa) foram postos ao redor da área.

Depois de nos perder de nossos pais, eu e Amb finalmente encontramos Sof. Ela veio animadamente ao nosso encontro, abraçou minha irmã e depois a mim. Não pude deixar de reparar o quão bonita ela estava. Sof usava um vestido branco sem manga enfeitado com flores de diferentes tons de vermelho e laranja. O tecido acabava a cima dos seus joelhos e a costura moldavam perfeitamente sua cintura.

- Estou muito feliz que vocês chegaram. - Falou Sof. Antes que eu pudesse acrescentar alguma coisa, minha irmã falou animadamente:
- Nós temos um presente para você!

- **Amb, não faz isso. - Respondi rindo e passando uma das mãos pelo meu cabelo. Queria implorar a ela para a gente fazer aquilo em outro momento, mas sabia que iria me esforçar em vão. Ela revirou os olhos e entregou o presente embrulhado em um papel vermelho para Sof.**
- **Gente, o que é isso? - Sof perguntou arqueando as sobrancelhas.**
- **Não tem motivo... apenas abra. Você vai gostar. - Respondi.**

Ela caminhou até o banco mais próximo de nós e se sentou ainda receosa. Me acomodei ao seu lado, nossos joelhos se encostando. Ela abriu o saco delicadamente e o posicionou de uma forma como se quisesse esconder de nós o que tem dentro (apesar de nós sabermos o que tem ali dentro).

- **Não... - Falou ela devagar, desacreditada. Amb e eu apenas assentimos e sorrimos. - Eu não acredito! - Ela falou rindo.**
- **Tem um pro Sky também! -Falou Amb.**
- **Você não fez isso comigo. Você nunca falou sobre isso pra mim! - Eu exclamei incrédulo. O combinado sempre foi: nós damos um de presente para Sof porque ela sempre quis ter um, mas ninguém faz parzinho com ela porque nós não podemos ter tudo o que queremos!**

Sof riu alto e tirou um dos agasalhos do embrulho. Ela o esticou e ficou balançando o casaco em minha direção, como se isso fizesse com que eu quisesse vestir aquilo algum dia. O casaco era todo verde enfeitado com desenhos de luzes natalinas. No centro tinha estampado uma rena com um nariz bem vermelho.

- **Isso é tão brega. - Falei revirando os olhos, mas sorrindo.**
- **Por isso mesmo que eu gostei. - Sof respondeu.**

Alguém chamou Amb a distância, ela pediu licença para nós, virou-se e se afastou indo em direção à mamãe e ao papai.

- **Obrigada! Eu amei. - Sof disse me abraçando, mas depois soltou um longo suspiro, estranhei.**
- **Ei, você está bem? - Perguntei esbarrando delicadamente em seu ombro. Fiquei com medo de ela estar pensando que bolar aquele encontro de família tinha sido um erro e que isso só a fez sentir mais falta de Namu. Mas não era isso.**
- **Estou. - Ela falou observando as pessoas ao nosso redor. Sof suspirou, mas sorriu. Era algo que ela fazia muito. Suspirar. - Só nervosa. - Ela entrelaçou**

seu braço no meu, segurou minha mão e apoiou a cabeça em meu ombro. Senti um frio na barriga glacial como se tivesse sido a primeira vez que ela entrelaçara os dedos nos meus. - Não sei o que eles esperam que eu faça ou fale. - Confessou.

- Você não precisa... - Falei delicadamente, ela olhou para mim e eu completei. - Todo o ponto desse encontro não é se rever e honrar a memória de seu irmão? - Questionei. Ela olhou para cima pensando e depois assentiu, voltando sua atenção para mim. - Então ninguém espera que você fale nada, apenas seja você. - Terminei colocando uma mecha de seu cabelo atrás da orelha dela. Ela sorriu.
- Faz sentido. - Ela disse e voltou a se acomodar com a cabeça em meu ombro.

Por algum motivo a memória de algumas horas atrás voltaram a minha cabeça. Nosso primeiro beijo. Me pergunto se deveria conversar com ela sobre isso. *Sim! Não posso mais esperar.* Apesar de desconfiar que ela sempre soube com clareza o que eu sentia de verdade, eu deveria expressar isso com palavras, certo?

- Sof. - Comecei. Ela se virou para mim atenta. - Nós vamos... - Parei de falar. Um senhor (que reconheci sendo o avô de Sof) parou a nossa frente.
- Desculpem-me, não pude deixar de reparar que vocês dois estão muito próximos! - Falou ele rindo, sua voz era rouca, como se ele já a tivesse usado muito. - Vocês por acaso estão... namorando? - Ele perguntou. *O que eu deveria responder?! “Não, não estamos, mas faz quatro anos que estou apaixonado por ela” ou “Nós nos beijamos hoje, mas não conversamos sobre isso ainda, então eu diria que o futuro é incerto”?* Mas não precisei falar nada. Sof respondeu antes de mim.
- Estamos, na verdade, vovô. - Ela falou calmamente como se aquilo fosse super claro. Mas meu coração disparou. Olhei para ela incrédulo.
- Estamos?! - Ela retribui o olhar e riu.
- Estamos, se você quiser. - *Vovô, sou eternamente grato ao senhor.*
- Claro que eu quero! - Exclamei. Ela riu novamente, segurou meu rosto com uma das mãos, e com o outro tocou meu braço. Ela encostou seus lábios nos meus. Eu a abracei com um dos braços e segurei seu rosto, depois de um instante ela se afastou e sorriu. Confesso que é um pouco estranho saber

que você está sendo observado em um momento tão pessoal, mas como eu amo aquele sorriso! Como eu amo aquela garota!

- Finalmente! - Gritou Amb rindo e caminhando até nós.
- Amb! - Adverti.
- Sempre torci por você, maninho. - Ela piscou e Sof riu. Não sei expressar muito bem o que eu estava sentindo. “Lembro-me de ter observado tudo aquilo, de ter tido uma sensação muito boa no peito e ter pensado: isso que é felicidade.” (Se eu ficar). Era exatamente isso o que eu sentia.

Naquele instante eu pude perceber três coisas extremamente importantes:

1. meu primeiro e único amor me ama de volta. *Meu deus! Isso parece surreal.*
2. aquilo que eu estava sentindo era felicidade, não só por finalmente ver Sof feliz novamente, mas por Amb também, ver minha irmã caminhando até nós com o olhar sereno e pasmo de felicidade me faz compreender que mesmo com perdas nós podemos ser felizes se continuarmos lutando. E talvez o mais importante, eu estava feliz. Estava feliz por ter a oportunidade de ver todos aqueles que eu amo felizes também.
3. talvez Amb tivesse razão, talvez àquilo que Namu teve, Sof tivesse também, mas eu não iria abandoná-la por isso, nunca hesitarei em ajudá-la sempre que ela precisar de mim. Não importa sobre o que seja.

Beijei a testa de Sof e ela encostou a cabeça em meu ombro e entrelaçou seus dedos nos meus, novamente. Amb caminhou até nós e sentou-se ao meu lado.